



**PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS**  
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL. PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL.



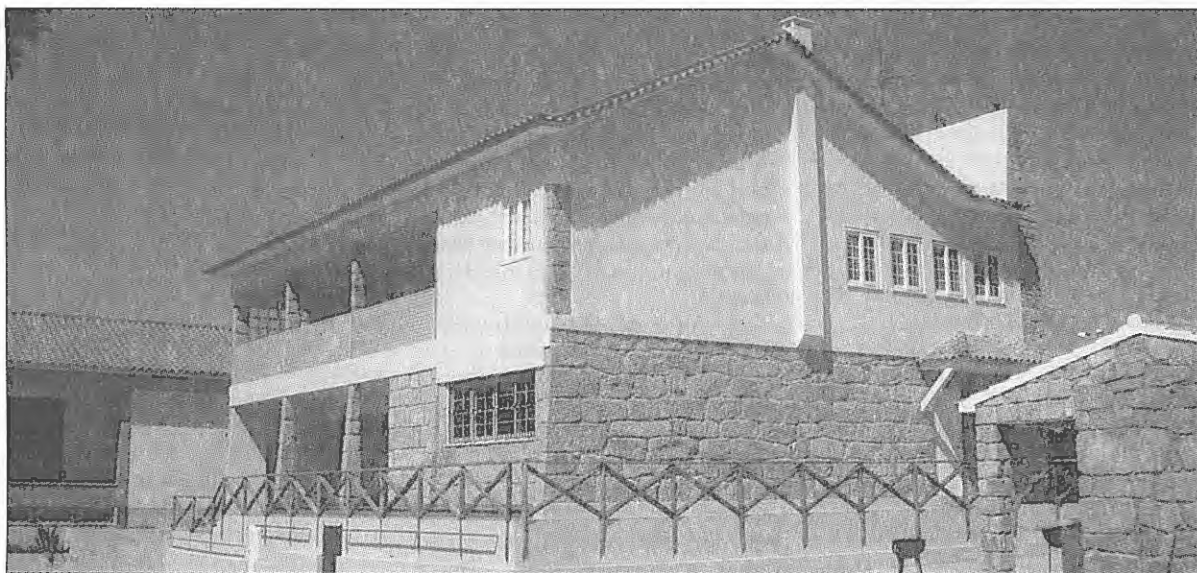
# Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

3 de Setembro de 2005 • Ano LXII • N.º 1604  
Preço: € 0,30 (IVA incluído)  
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913  
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285  
Fax. 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239



Azurara — O edifício foi reconstruído e renovado de forma a tornar-se mais amplo, mais cómodo, mais limpo e mais atraente.

O facto de ter de me desdobrar entre as comunidades de Paço de Sousa e o Tojal; e, também, por em Lisboa, a Casa de Setúbal ficar mais próxima, fez-me contactar com as diversas comunidades dos Gaiatos em férias, durante os meses de Julho e Agosto.

Faltou-me passar por Mira, em cuja praia repousam os de Coimbra.

Azurara é a praia dos rapazes da Casa do Gaiato de Paço de Sousa. O edifício foi reconstruído e reno-

## Momentos

### Férias

vado de forma a tornar-se mais amplo, mais cómodo, mais limpo e mais atraente.

Instalado a cerca de 250m da praia, dispõe de um espaço ao ar livre, para os Gaiatos jogarem e brincarem e um salão de jogos

para a noite, os dias mais desagradáveis e as tardes de nortada. Os rapazes utilizam a praia, o mar e todo o caminho para desgastarem as suas energias.

Às paisagens montanhosas de Paço de Sousa contrapõe-se a planície da foz do Ave.

A Casa do Gaiato de Lisboa tem a sua estância de férias no Monte dos Ciprestes, na Várzea de Sintra, na antiga e senhorial residência do poeta Rui Cinatty, por ele cedida à Obra da Rua. Uma situação paradisíaca, com vistas lindíssimas de dia e de noite por toda aquela zona privilegiada. Para qualquer das áreas em que lancemos os olhos, somos deslumbrados com quadros naturais belos e variados.

A casa é uma maravilha de edifício com chão de pedra e azulejos antigos, escadarias e lareiras de fino gosto.

Quem diria que o Garoto das ruas de Lisboa iria passar férias a

Continua na página 3

## Setúbal

### Pai Américo respondeu ao Autor da «martelada»

É comum dizer-se que «todos os caminhos vão dar a Roma». Se no lugar de Roma colocássemos liberdade, decerto que não seria verdadeira tal afirmação. Parece-me mesmo que só um caminho a ela conduz — a pobreza, interior e assumida.

A tendência normal do homem é construir e acumular riqueza. Não viria mal ao mundo, por isso, se desse processo não ficasse ele preso e escravo da riqueza que criou, com todas as consequências nefastas para si e na relação com os semelhantes, também esta a tendência normal.

Perceber as riquezas de uma vida assumidamente pobre, não é dado se não àqueles que alguma vez deram passos nesse sentido. Este é um caminho, mais ou menos longo, necessário a percorrer. Desta necessidade nos fala várias vezes o Evangelho, seja na passagem do jovem rico que não se dispõe a iniciá-lo, seja no da viúva pobre que depositou o seu óbulo no Templo, longamente lançada neste percurso. O Mestre, aqui como em tudo, é exemplo, por Se ter feito Pobre para nos enriquecer nas Suas riquezas.

A Pobreza, que é causa de tristeza para quem a não deseja, torna-se energia que é fonte de alegria e impulso para novas realizações.

Como outros santos, homens de Deus, Pai Américo respondeu ao apelo do Autor da «martelada», despojando-se de todos os bens e riquezas que acumulara ao longo da sua vida. Deste modo fez valer o dom, como costumava dizer, dom que lhe veio do Alto, que multiplicou e lhe deu azo a repartir por tantos outros Pobres.

Cruzei-me, há mais de uma dúzia de anos, com um Padre que me disse nunca ter encontrado um homem livre como o Padre Américo. Na altura era eu seminarista, e nunca mais esqueci a força deste testemunho.

Liberdade — fruto de um viver em que a «maior riqueza é a nossa pobreza», pobreza no ser, no estar e no ter, dotando aqueles a quem servimos com tudo o que é necessário à vida.

Este é um caminho assente em dois carris. O da pobreza pessoal querida e o da partilha de vida com os outros Pobres, tantas vezes dominados pelas misérias de cada época. À falta dos dois carris, o descarrilamento é eminente.

Padre Júlio

## Calvário

### Ironia

FICÁMOS fatigados com tantas inspecções. Aqui, em Casa, tudo foi penteado, desde os quartos dos doentes às instalações do gado. Ele, inspectores da Segurança Social, da Delegação de Saúde; ele, magistrados, advogados, jornalistas e muitos acompanhantes.

E toda esta boa gente acorreu para ver se estávamos transgredindo as leis e seus regulamentos; se acolhíamos devidamente quem tínhamos em nossa Casa.

Meio século depois de começarmos esta tarefa, fomos descobertos como possíveis piratas das leis que regulam a Assistência Social.

Mas, então?!

A Direcção Distrital da Segurança Social, para os lados da Ria, pediu-nos para recebermos um rapaz, com 30 anos, que sofrera um grave acidente de trabalho, com traumatismo craneano de terceiro grau e que não tinha quem o acolhesse. Ele fora operado três vezes e ficara sem conserto. O acidente implicava Tribunal e Companhia de Seguros.

Dissemos que sim, depois de nos garantirem que estava tudo esclarecido e resolvido naquelas Instâncias.

Passados quatro anos, o Tribunal lava as mãos e não houve nada.

Resultado: O rapaz não tem Segurança Social, apesar de ser encaminhado para nós pela Direcção de um Centro Distrital; o Tribunal conclui que o responsável pelo acidente foi só o acidentado; a Companhia de Seguros que o devia proteger, amigos, família, todos se demitiram e não houve nada.

Ora, depois de tudo isto, fui nomeado pelo Tribunal como tutor deste rapaz. Para quê? Para me informarem que olhasse pelo doente. E assim fiquei com o rapaz nas minhas mãos, enquanto aqueles senhores lavavam as suas de alívio.

Todos quantos aqui se deslocaram para as inspecções não deram a menor importância a este assunto. Pelo contrário: interrogaram-me, intrigados, porque se mantinha permanentemente no leito um rapaz tão novo.

Sociedade mentirosa esta que me rodeia.

Como é repousante ouvir os melros e os pintassilgos, felizes, entoando melodias nos recantos da nossa quinta.

Padre Baptista

## Malanje

### Altas horas fiz visita ao nosso espigueiro

ALTAS horas, fiz visita ao nosso espigueiro do Calvário. Calvário é a aldeia dos doentes que ninguém quer.

É Obra do Padre Américo. Espigueiro é mesmo espigueiro... Em vez de espigas de milho tem um bloco de pedra onde está o Senhor e alguns bancos.

Sentei-me num deles e pedi ao Senhor para lhe fazer companhia.

As pequenas fendas, que serviam para o ar entrar e secar o milho, são riscos de vitral.

Não se vê para fora — mas vou no meu sonho... — Passei pelos carvalhos seculares que deram e dão sombra a tantos doentes. Nos pavilhões, em semi-luz, repousam os doentes, perfumados com o aroma intenso das tílias. Fui pela mata. Mergulhei os olhos nas macieiras, carregadas de fruta. Brilhava o luar. Senti os pinganeis dos tanques. Avancei até ao centro da casa dos rapazes onde, numa

grande carvalha, dormem centenas de passarinhos.

Não entrei. Encostado à morada dos pássaros olhei a janela do Padre Baptista. Dorme, por certo. Os seus dias são fatigantes: sempre presente nas três refeições dos doentes... Ele próprio dá a refeição aos mais difíceis. Um dia, um mês, um ano, dezenas de anos — igual quotidiano! Construção e arranjo da quinta, que mais parece um jardim — tudo com ele.

Que razão para que a Comunicação Social só nos mostre o mal. E nos esconda tanta beleza e gestos grandiosos de amor.

Vou-me meu Rei — e aqui escondido no Teu espigueiro — fica atento aos comunicadores do mal.

À luz da lua, o deserto pareceu-me uma planície de fogo. Depois, a floresta e as sanzalas.

Entrei no meu quartinho. Os meus olhos tremem. Será que vou conseguir dormir?

Padre Telmo



# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**CASA OZANAM** — Vale a pena dar nota de uma obra, graças à disponibilidade e acção do Conselho Central do Porto da Sociedade de S. Vicente de Paulo, Rua Santa Catarina, 769 — 4000-454 Porto:

«Está a ser construída, com a ajuda, participação e amizade dos Vicentinos de todo o País e com a colaboração dos nossos tradicionais amigos. Estamos a edificar, apenas, com dinheiro que temos angariado. Assim, desejamos continuar e seguramente que apoio para isso não nos vai faltar.

Para além das iniciativas de angariação de fundos promovidas pela Comissão Directiva da Casa Ozanam e de donativos enviados pelas Conferências e Conselhos de todo o País, a que acresce contribuições dos associados da Liga de Amigos, várias e significativas têm sido as ajudas que, da mais diversa proveniência, nos têm estimulado neste projecto de serviço à Comunidade e aos Pobres.

Pela sua extensão e pela dimensão de algumas ofertas, que revelam, todas elas, um indiscutível amor à causa que nos move e, sobretudo, pelo respeito que todos nos merecem, cuja divulgação feriria a sensibilidade de quantos o têm feito com admiração pela causa, mas com discreção, nos permitimos ocultar, sem que, contudo, deixemos de expressar aqui e agora a nossa profunda gratidão, a todos quantos nos enviaram contribuições e donativos, legados e doações, que nos têm ajudado a caminhar com segurança e com confiança.

Com a contribuição de todos, com as ajudas dos Vicentinos, das suas Conferências, Conselhos Particulares e Centrais de Portugal, de anónimos, de pessoas singulares e de diversas empresas, construímos, até ao presente, um património financeiro que nos tem permitido fazer face aos gastos com o projecto em devido tempo aprovado.

Muito já foi feito. Muito mais há ainda para fazer.

Certamente que vamos continuar a ter os apoios necessários até à conclusão deste projecto, que constituirá um enorme património de serviço, que muito engrandecerá a S.S.V.P. em Portugal e, de modo particular, a Diocese do Porto, em que está inserido.

A Casa Ozanam está a ser construída na região do grande Porto. A sua dimensão e os seus objectivos, reflectem a dimensão e os objectivos do Movimento Vicentino em Portugal e reflectem, também, as necessidades das Conferências Vicentinas Portuguesas.

Por isso, vamos continuar firmes neste propósito de reforçarmos a acção vicentina em Portugal, sentindo o apoio de todos e precisando da ajuda da grande Diocese Portucalense.

Continuaremos empenhados, divulgando e incrementando acções de promoção deste projecto, para que seja mais e melhor conhecido e mais e

novas ajudas nos cheguem. Vamos acima de tudo continuar empenhados naquilo que é o objectivo fundamental dos Vicentinos: o serviço directo aos Pobres, no reforço e vitalidade das Conferências Vicentinas. Vamos continuar a trabalhar, rezando...

É devida ainda uma palavra de gratidão à Câmara de Santa Maria da Feira, pela enorme contribuição que está a dar, tornando exequível este projecto em Terras da Feira. Uma palavra de reconhecimento por tudo o que estão a fazer pela S.S.V.P., pelos Pobres e pela nossa Terra, que a Casa Ozanam vai engrandecer, enobrecendo todos quantos estão envolvidos neste projecto de inspiração Divina, para serviço dos homens do nosso tempo: a nossa Casa Ozanam que brevemente estará em funcionamento. Frederico Ozanam continuará presente em todo este nosso trabalho.

M. C. G.»

**PARTILHA** — Como é época de férias, também aqui sentimos menos presenças...

Temos 150 euros, da assinante 20174, de Coimbra, «para gastarem como acharem melhor».

Vinte e cinco euros, do assinante 49731, de Arouca. «É pouco, mas de boa vontade», acentua este Amigo.

A presença habitual, do assinante 53241, do Luso, com 30 euros, «nosso contributo para a vossa Conferência, que destinarão em conformidade com as necessidades mais prementes dos vossos Pobres».

Por fim, 50 euros, do assinante 73123, de Odiveelas: «Venho, por este meio, enviar um pequeno donativo para ajudar nos medicamentos para os que necessitam e para que eles se sintam melhor, com mais saúde».

Em nome dos Pobres, muito e muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

## Paço de Sousa

**DESPORTO** — DISCIPLINA? SEMPRE! DENTRO E FORA DO CAMPO. Devemos ter como referência a imagem do ídolo de cada um, mas com a preocupação de copiar dele, apenas e só, as coisas boas. É bom que cada um saiba distingui-las. É bom que cada um não se deixe iludir ao ponto de se deixar cair..., só porque «fulano» também é um dos maiores do futebol nacional e internacional e também faz assim... Não queiramos copiar aquilo que não presta. Não. Procuremos ser como ele a jogar a bola, mas melhor do que ele, nas suas atitudes. A disciplina deve existir dentro e fora das quatro linhas. Lembra-te que a disciplina faz de qualquer um de nós um vencedor. Não penses que é com atitudes irreverentes, com confrontos e afrontas, que te saís melhor e te tornas o maior! Nunca na vida. Nem no futebol, nem no teu dia-a-dia.

Quem quiser jogar bem a bola, tem que se privar de muitas coisas (...), sobretudo, na véspera de qualquer jogo ou treino. Não penses que se fores desmazelado no teu quotidiano, consegues uma boa prestação dentro das quatro linhas, bem pelo contrário! Só é possível sobressair se te aplicares nos jogos e nos treinos e se saíres

ter espírito de equipa. É tudo muito lindo!, mas é preciso saber respeitar os outros para que estes também nos respeitem.

É preciso aceitar de boamente as ordens saídas do banco, do capitão de equipa e do árbitro, demonstrando, assim, personalidade e carácter.

Dentro das quatro linhas nem sempre sai tudo como a gente quer ou é programado. É verdade! Mas, desde o não aceitarmos o «falhanço» de um colega, até ao ponto de se começar logo a disparatar, vai uma grande diferença: falta de categoria, de brio futebolístico, de compreensão, de bom-senso e falta de lembrança de que na jogada seguinte, podemos ser nós a não concretizar a jogada que comandamos, como queríamos e sabemos. O que quase sempre acontece!

Estamos prontos para começar a nova época. Não nos falta nada... Está tudo a nosso favor. É preciso que se entre com o pé direito, como é costume dizer-se. É preciso que todos tenham a cabeça «fria» e não se deixem influenciar, repito, por todos aqueles que não querem ou não são capazes de fazer o quer que seja em prol deles quanto mais dos outros. Praticar desporto só faz bem, é a melhor maneira de aliviar o agora muito falado stress e de ocupar os tempos livres. A única pessoa que ganha és tu e mais ninguém.

Alberto («Resende»)

## Miranda do Corvo

**PRAIA** — O fim das férias começa a aproximar-se. Chegou a hora de terminarmos a época balnear. Já todos os rapazes regressaram da praia, pois o trabalho chama por todos e há muitas coisas a organizar antes do início do novo ano lectivo.

Agora que chegámos ao final desta época de férias, gostaria de agradecer à D. Deolinda o pão e bolos que nos ofereceu, ao longo de toda a temporada e que para o ano continue a ser nossa benfeitora.

Aproveito, também, para agradecer a uma senhora da Guarda, a quem peço desculpa por não saber o nome, que nos levou dois grandes carregamentos de melões e melancias à casa da Praia de Mira.

**OBRAS** — Cá, por Casa, estão a fazer-se melhoramentos na apresentação e condições das nossas instalações.

Durante a época balnear, um dos nossos trabalhadores, com ajuda de alguns rapazes, foram pintando as paredes da zona exterior das oficinas e tipografia/salão de festas. A pintura não está totalmente acabada, mas já se nota uma beleza maior.

O Lar de Coimbra também está a receber obras para melhoramento nas futuras salas de estudo, televisão e biblioteca/informática e, também, nos quartos. O principal será a substituição das janelas, para que não haja tanta perda de calor.

**CAMPO DE FÉRIAS** — Seis dos nossos rapazes participaram num campo de férias, em Vila de Rei, organizado pelo Padre Armando, de Proença-a-Nova.

Todos eles vêm radiantes com esta nova experiência, que realizaram, das caminhadas que fizeram, das paisagens que adoraram, dos lares e instituições que visitaram, das orações e

reflexões que escutaram e dos seus novos amigos que os seus corações marcaram. Em nome dos gaiatos agradeço por nos proporcionarem uma semana inesquecível, onde o único senão foram os muitos fogos e pinheiros queimados que avistámos durante toda a semana.

**AGRICULTURA** — Com o calor que se faz sentir, torna-se arriscado para as pessoas e para a agricultura gastos desnecessários de água. Portanto, é necessário um cuidado mais intenso pelos nossos produtos. O milho, por exemplo, já se desenvolveu e parece que vamos ter uma quantidade razoável; já se fez a desfolha e já se começou a desfolhar e a fazer maranhos.

O feijão e os kiwis continuam a desenvolver-se e já se notam as abóboras a crescer atrás do campo da bola.

**PEDITÓRIOS** — Nestes dois últimos fins-de-semana, o nosso Padre João continuou a sua temporada de peditórios. Desta vez, foi, também no Algarve, na Quarteira, Vila de Moura e Armação de Pêra. Apesar desta zona ser conhecida pelos ditos «ricos», o peditório foi bastante fraco, face às expectativas.

No terceiro fim-de-semana de Agosto, como já é tradição, fomos fazer o peditório às Igrejas da Figueira da Foz, e como já se tem notado, em anos anteriores, cada vez há menos dinheiro, mas nós compreendemos, a crise está para durar, mas não só a crise económica, pois cada vez há menos fiéis na Eucaristia.

**PEDIDOS** — O Verão está a chegar ao fim e, talvez, esta vaga de calor parta, também, com ele. Por isso, acho por bem comunicar que precisamos de uma máquina de secar roupa. Até agora serviamos-nos do sol para esse fim.

Se alguma empresa, ou pessoa, estiver disposta a doar uma máquina tipo industrial, é favor comunicar com a nossa Casa. Deixo, desde já, aqui o nosso agradecimento.

Adriano

Sérgio

## Setúbal

**PRAIA** — O segundo grupo já acabou as férias. Correram bem. Os rapazes gostaram. Ficou um grupo deles com a D. Conceição a fazer limpeza à casa da praia.

**VACARIA** — Levámos quatro vitelos para a Casa do Gaiato de Beire. O negócio dos vitelos não anda bem, por isso estamos mais virados para a criação de gado a dar leite. Actualmente temos à volta de cinquenta vacas a dar leite, num total de cento e vinte cabeças de gado bovino.

Esteve cá o veterinário a operar uma vaca que estava doente, mas não tinha nada. Por isso, deu-lhe um remédio para limpar os intestinos e umas injeções.

**ESCOLA** — Está-se a aproximar o tempo escolar. Os rapazes já estão a ter algum tempo para se dedicarem ao estudo, para começarem bem o ano lectivo. Os rapazes mais pequenos vão fazendo umas cópias e contas, acompanhados de um mais crescido. Os outros vão revendo os livros e os testes do ano anterior, fazem fichas e lêem livros.

**CAMPO** — Continua-se a cortar o milho para fazer silagem para as vacas. A rega do milho esteve um bocado complicada porque avariaram-se dois dos três rolos de rega que temos. Mas agora tudo voltou ao normal, já se arranjam os rolos.

**FRUTA** — Um grupo de rapazes andou a apanhar figos nas nossas figueiras. Outro, andou a apanhar uvas nas nossas videiras que estão na avenida. Outros, ainda, andaram a regar os pomares de laranjeiras, macieiras, ameixoeiras e pessegueiros. Nós regamos os pomares para as árvores crescerem e darem fruto para nós comermos.

## Cartas

«Lamento profundamente a ignóbil campanha, aparecida na 'imprensa', que procura confundir aqueles que não conhecem o trabalho desenvolvido pela Obra de Rapazes ao longo das últimas décadas... O azeite virá ao cima...»

Assinante 74347.

«Os anos passam, envelhecemos e, à medida que o tempo voa, a lembrança dos amigos torna-se cada vez mais viva. Parece que voltamos ao passado. É por isso que vos tenho tão presentes, principalmente agora neste período que estais a atravessar. Como é grande a injustiça dos homens, cuja ignorância não lhes permite distinguir a diferença entre as instituições chamadas sociais e as vossas Casas, onde se respira amor de família, trabalho sadio! Alfobre de valores que, infelizmente, já vão rareando, delas saíram tantos homens úteis à socie-

dade, gratos a quem outrora os acolheu e salvou e testemunham, onde quer que vivam, a orientação que os marcou para sempre. Mas há uma outra Justiça e Essa é que prevalece. Essa se encarregará de pôr tudo no seu devido lugar!

Desculpe o desabafo, mas este caso (como outros que nos entram porta dentro, através da TV apregoada consciência social) tem o condão de descontrolar.

Mas esqueçamos tudo isso e pensemos só no Menino que iremos adorar («O Verbo se fez carne e habita entre nós»). Que Ele vos proteja em todos os dias

Assinante 25168.

«É um deleite para os olhos e para a alma ler os vossos artigos a rebater todas as alquimias e técnicas que são a prática corrente da nossa Segurança Social.



## Pão de Vida

## Fósforos

A floresta é uma reserva de vida com valor incomensurável, que urge preservar e ordenar.

Uma vaga de incêndios tem queimado áreas florestais significativas das Regiões Norte e Centro do nosso País, agravada pela escassa precipitação.

O cenário mais frequente deste Verão tem sido os múltiplos cogumelos de labaredas e fumo, nos recortes montanhosos. Arderam milhares de hectares de floresta e pereceram alguns Bombeiros corajosos. O flagelo dos fogos florestais assume contornos de dramatismo.

Tivemos de atravessar uma auto-estrada, para celebrar a Eucaristia, *entre pinhais, rio e mar,*

com os maís espigados. Por alturas de Valongo, o fogo que nos cercava era dantesco.

Na época em que muitas pessoas se concentram no Litoral, mais populoso, na miragem do sol, ou das sombras da noite, cuja energia está insuficientemente aproveitada, o coberto vegetal fica a saque de uma praga de malfeitores.

Às pseudo-festas religiosas não faltam os ruídos atordoantes e os foguetes, que servem de rastilho e em que se desgastam as economias das comunidades.

Estamos diante de um desastre ecológico, com soluções adiadas.

Será que queremos viver num deserto, até de ideias e ideais?

Como os jovens não se têm

fixado nos campos, continua o envelhecimento da estrutura humana do sector e da sociedade.

O ambiente rural é insubstituível para o crescimento humano e mais, ainda, para a recuperação de traumas familiares, como daqueles meninos, já crescidos, que nos vão caindo no colo.

Os progenitores ilegítimos ou incapazes de criar os rebentos que angustiam os serviços de menores, deixam os filhos à sua sorte, como autómatos e presas fáceis de negociantes de alienações.

Quando se calarem, temporariamente, as sirenes e a chuva visitar as nossas vinhas, é tempo de, serenamente, nos perguntarmos se estaremos a educar para a oxigenação do ambiente e dos pensamentos. Os sábios escutam-se no silêncio.

Jovens em férias escolares, orientados para as limpezas das matas e a vigilância das zonas críticas, poderiam contribuir a seu modo para a redução desta catástrofe.

O ordenamento florestal é fundamental, embora as espécies de crescimento lento não agradem a uma mentalidade imediata e economicista.

Quando alguns dos rapazes avançaram para as nossas matas, constataram que as infestantes abafaram as plântulas das bolotas. Nessa lide, um rapaz, cidadão e incauto, feriu um castanheiro.

O afastamento do ensino do pragmatismo da vida ao ar livre pode conduzir a uma mentalidade infodependente e sedentária.

A história da menina dos fósforos encantou muitas crianças. Porém, se há perigos em casa, que os pais devem afastar dos filhos, os fósforos e os isqueiros são um deles. Diariamente, não damos descanso a estas armas de fogo.

Um adolescente desequilibrado, para ver arder, reproduzindo a recente visão contínua, quis fazer uma *pequena fogueira*, que alastrou.

Para salvar as nossas almas, que as nuvens nos acudam, até que o País invista na prevenção dos fogos.

A limpeza dos montes, cuja manta vegetal constitui um rastilho ardente, é tarefa ingente e urgente.

Para um trabalho de fundo e concertado, não chega o tempo de férias, ocupadas, dos nossos filhos que, neste ano lectivo, irão estudar?...

Jesus também foi à escola, sinagoga, até que o fogo do Amor deixou o coração dos Seus amigos a arder!

Padre Manuel Mendes

## Momentos

Continuação da página 1

Sintra, em ambientes de ricos e fidalgos senhores? Mais ainda, quem poderia pensar que eles pudessem chamar sua, a essa nobre casa?

No monte dos Ciprestes, no meio de mata agradabilíssima, cavou-se, numa encosta, um campo de futebol e, na outra, junto à vivenda, uma ampla piscina.

Os rapazes, de manhã, são levados de autocarro para a praia das Maças e, às 13h00, deixam o mar regressando ao monte.

A parte da tarde é passada na montanha em passeios, a jogar a bola e a nadar na piscina. Prazeres sadios, úteis e necessários à sua idade, em locais onde a natureza entra a jorros por todas as janelas da alma.

A Casa do Gaiato de Setúbal tem o seu poiso de férias a 500m do Portinho, frente ao mar, na Serra da Arrábida. Ela que se situa na planície sem horizontes, em Algeruz, e na Cidade do Sado, fornece aos rapazes, em férias, amplas e majestosas vistas, os ares da montanha, a beleza infinita do mar e do rio azul.

O Lar de férias da Arrábida possui, ainda, anexo, um pequeno campo de futebol onde os Gaiatos disputam renhidos desafios, uns contra os outros, nas horas em que a praia é menos apetecível.

A antiga Residencial Santa Maria, comprada pela Obra em 1987, mereceu, na altura, grandes críticas por dar aos rapazes tão boas e agradáveis instalações. Talvez os mesmos que, passados anos, voltariam a

terreno criticá-la por motivos contrários. Para palavras loucas, orelhas moucas.

Vejo que os nossos rapazes têm todas umas belíssimas condições de férias, nas Casas do Gaiato de Portugal, o que naturalmente alegrará os nossos Amigos e estimulará os rapazes a um bom trabalho no próximo ano.

Acompanhados sempre por algumas das nossas Senhoras, as férias são, também, obra dos Rapazes. Não temos os chamados monitores. Aparece, sim, uma ou outra menina para estar com os maís pequenos.

Toda a estrutura social, sob o nosso olhar, através das Senhoras, assenta neles. O comando, a segurança na praia e no caminho, borário e disciplina, tudo é obra deles.

Assim se apalpa novos chefes, a sua capacidade de liderança e a sua generosidade.

Com o movimento das comunidades nestes dois meses de Verão, o descanso dos chefes é a oportunidade para outras experiências de chefia, mesmo em Casa, com outros rapazes!

Todas as casas de férias têm reservado um bom compartimento para a oração.

É a nossa Capela. Religiosamente decoradas, as Capelas das casas de férias são lugar de atracção e encontro com Deus, pela sua beleza, recolhimento, silêncio e comodidade.

As férias servem para renovar as forças físicas, espirituais e sobrenaturais.

Boas férias, queridos rapazes, e um bom ano de trabalho.

Padre Acílio

*Eles não sabem nem sonham... que o homem é um produto natural sublimado e que não pode limitar-se a ser educado como sujeito de técnicas, porque nele marcam presença outros valores merecedores de outras referências que eles desconhecem.*

*Liberdade, verdade, bondade, solidariedade, foram a Estrela Polar do Padre Américo, como continua a ser a vossa.*

*Eu, cidadão desta sociedade podre, quero continuar a ter esperança numa sociedade de fé e de amor.*

*Por isso, obrigado pelo vosso trabalho, cujos resultados são homens como o Luciano (reformado do Banco de Portugal — Porto) de quem fui colega, e a quem recomendo o seu testemunho da Casa que o educou.*

Assinante 19356».

*«Porque tenho a 'mania' de andar informado sobre muitos aspectos da vida, vivo constantemente afogado em jornais e revis-*

*tas. Apesar do meu esforço, muitos acabam por ir parar ao cesto dos papéis, passada que seja a sua actualidade.*

*Mas O GAIATO, esse está sempre actual e leio-o sempre; por vezes, logo que o recebo, outras vezes com algum atraso. Mas é sempre motivo de reflexão, de inquietação, de esperança, de Amor.*

*Também me tenho preocupado com os ataques que vão sendo feitos a tão sublime Obra. Mas vejo, com alegria, a onda que se vai formando para vos ajudar a continuar a Missão que receberam do 'santo' Padre Américo.*

*Peço ao Senhor que vos continue a amparar. E como é hábito por esta altura, peço que aceitem esta oferta...*

Assinante 39113».

*«Comungando da onda de solidariedade, pelos impropérios que têm sido comunicados à opinião pública, venho também apresentar os meus cumprimentos e desejos*

*de que prossigam com tão benemérita e prestimosa Obra.*

*Não esmoreçam, que Deus Nosso Senhor não faltará com a ajuda necessária, para que possam continuar.*

*Como escreveu no final do artigo Momentos não quero nem posso deixar de contribuir mais do que é habitual, nos demais anos.*

Assinante 14850».

*«Sem querer intrometer-me na vossa forma de estar, parece-me que o 'Estado' tem a cara de quem por lá passa. A crise que todos estamos a passar é económica, de valores, e de muitas coisas mais.*

*Sempre me pareceu que não dependiam dele para nada, e era bom que assim pudessem continuar para não ter o desgosto de ver aquela senhora da Segurança Social fazer tão triste figura, nas respostas aos jornalistas. É certo que estão sempre ávidos das notícias que possam destruir.*

Assinante 1744».

## DOCTRINA



*O «rebotinho» em Paço de Sousa...*

MAS, infelizmente, estes reparos ao mal que fazemos são autênticas aberrações. Salvo um punhado de senhores e de senhoras do tempo do arco da velha, tudo o mais quer ser da Nova Lei. Hoje sabe-se onde está o verdadeiro «mal»; combate-se eficazmente o perigo. Como? Debruçando-se cada um sobre a fraqueza dos deserdados. É preceito do Senhor. O Estado também assim o entende. Os problemas de Assistência ao nosso semelhante estão na primeira página do livro. Governo e seus Homens procuram sinceramente desenterrar as Tábuas da Lei. Nunca se viu como agora um desejo tão activo de melhorar o que está e de fazer mais e melhor. Doenças físicas e morais que atacam a Humanidade, começam a ser sentidas e até sofridas pelos que podem e querem aliviar. Os nossos próprios Irmãos das prisões encontram agora em muitas delas ambiente mais compreensivo de expiar as suas culpas.

A sorte dos leprosos, dos cancerosos, dos loucos, dos tísicos — coisas nossas que nos afligem — nada disto entrava no Parlamento. Não entrava, que havia lá um «negócio» muito mais sério, qual era o de saber-se quem havia de ser o maior no reino de Portugal. Que o diga a Senhora D. Amélia quando, naquele tempo, procurou interessar o Governo na sorte dos estropiados. Ela, que vem agora ao pé de nós ver o sangue que deixou na sua via dolorosa. Ela pode falar.

COMEÇA-SE, hoje, a estimar o sorriso da criança. Vê-se, hoje, a intenção de nos tornarmos compassivos da triste herança destes seres humanos e de evitar que ela, a herança, aumente no abandono das ruas. Compreende-se, hoje, ser impossível que uma sociedade possa respirar se não chama para junto de si, no tempo próprio e com meios adequados, todos quantos são da Comunidade. Não é fazê-los iguais, que isso vai de encontro às leis da Natureza; é colocá-los no seu meio. Hoje, sim, há este movimento. Nota-se sobejamente na letra de decretos, nas afirmações de discursos e na vontade dos homens com letra maiúscula. Os tais cavaleiros que, por muito empestados, têm medo da peste, esses não contam.

MANDEI a Coimbra um rapaz. Chegou a Casa com dinheiro a mais. — Que é isso? — Fora um senhor na estação que lhe perguntara quem ele era e como o rapaz dissesse ser da Casa do Gaiato, aquele senhor deu-lhe um abraço e pagou as despesas da viagem. Sim. Hoje procura-se ser compassivo e evitar que a triste herança destes seres seja aumentada no abandono das ruas. Pois, meu senhor, tome lá o abraço que deu ao meu filho, em Coimbra, o qual vai agora mais quente por ter passado pelo meu coração! Assim se combate a «crápula». Como? Aproximando-nos dela. Assim se dá testemunho de Cristo. Como? Fazendo o que Ele manda. Tudo o mais é água benta.

*D. Amácio*

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)





Anuncio uma grande alegria. A promessa feita, cumpriu-se hoje — o segundo passo do Infantário foi dado.

## Benguela

# Farinha que faz o prato mais apetecido

VENHO da «Praça». É, ali, a grande central de negócios dos meios populacionais maiores e mais pequenos. Sempre que lá vou, faço uma experiência de «purgatório» nesta vida.

Desta vez, o meu negócio foi a compra de milho para a farinha que faz o prato mais apetecido do povo. Os nossos campos não produzem ainda o que é necessário. Preciso de cerca de 180 toneladas por ano para matar a fome aos pais e filhos que vivem acolhidos debaixo das asas da nossa Casa. Continuo à espera de alguém que, com muito jeito, arte e devoção, ponha a render todos os talentos escondidos no solo dos nossos campos. É o cantinho mais sensível da nossa vida, no que toca à economia, a par das oficinas de carpintaria, serralharia, pintura e electricidade, que desejo sejam centros de formação humana para a vida dos nossos rapazes.

Houve tempo, sim, onde buscávamos na agricultura a nossa auto-sustentação quase total, depois da construção da Aldeia, com o desenvolvimento acelerado e bem estruturado da cultura da banana. Portugal comeu bananas de Angola, em abundância, com especial realce para a produção dinâmica no vale do rio Cavaco, onde mora a nossa Casa do Gaiato de Benguela. Aconteceu poucos anos antes da Independência de Angola. Depois... foi o descalabro quase total. O vale que era um autêntico oásis de fartura, verdadeiro celeiro de Angola, no tempo do cacimbo, sobretudo, transformou-se, a pouco e pouco, num semi-deserto, com o advento da guerra e a saída dos principais actores do seu desenvolvimento. Oxalá não tarde a hora da renovação, já iniciada com a determinação e ousadia dalguns poucos homens e mulheres que acreditam na riqueza da terra como resposta mais segura à desgraça da miséria com o cortejo da fome, doenças, nudez e a morte.

Entrámos decididamente no caminho da subida. Mas não podemos andar sozinhos, porque agarram as nossas mãos, por todos os lados. É por isso que, confiada e humildemente, esperamos sempre a vossa ajuda. Da nossa parte, tudo faremos até ao limite das nossas forças. Estou a ver o mundo dos tuberculosos, bem

perto da nossa Casa. Não cessa de aumentar. A causa está na sub-alimentação que vem da raiz. Começa no ventre da mãe e propaga-se como epidemia que só tem um travão: a comida. Autêntica montanha a perfilar-se no horizonte bem próximo de nós. Às vezes, confesso, tenho medo. Ontem, de manhã, duas receitas de tuberculosos vieram parar, ao mesmo tempo, às nossas mãos. Não tratar-se imediatamente. Espero que, dentro de dois meses, estejam salvos e prontos para fazer algo mais pela vida. Peço que te defendas do contágio da doença, ajudando a curar os que já foram apanhados. Tu podes, se quiseres!

Os lamentos, porém, não resolvem os problemas. Vamos, tanto quanto é possível, à raiz do mal. Anuncio-vos, pois, uma grande alegria! A promessa feita, há tempos, cumpriu-se hoje. O segundo passo do Infantário foi dado. A fogueira foi acesa e preparado o lugar para as 24 crianças dos dois e três anos. No primeiro dia, sentaram-se 12 à roda da fogueira. As restantes irão chegar ao longo da semana. Quem alimenta o fogo são as Irmãs Albina e Rosalina, do Instituto das Irmãs Cooperadoras Paroquiais. A Irmã Maria Teresa, de visita, foi também testemunha. Na sala, ao lado, outra fogueira com os bebés até um ano de idade. Que maravilha o Pai do Céu está a realizar no coração humilde destas suas servas! Sim, é Ele! Isto de ser mãe dos filhos que nascem do seu sangue e da sua carne, até dar a vida por eles, é lei da natureza. Ser mãe e ser pai dos filhos que não são da sua carne nem do seu sangue, até dar a vida por eles, é Dom do Pai.

Não tardará muito, tenho esperança, atingir a meta das 50 crianças. Quem dera apareçam mais corações apaixonados nas Irmãs, capazes de dar a vida pelo mais urgente no Reino. É a grande vacina contra a doença da tuberculose que começa no ventre da mãe. Os rostos destas crianças são os mais lindos. Oxalá o calor intenso desta fogueira, agora acesa, chegue também à tua vida.

Por este caminho, vamos também ao encontro do remédio para a doença que ataca duramente muitas mulheres que são mães e foram abandonadas pelos pais dos seus filhos. Já não estão sós. Já não pre-

cisam de se entregar a outros homens para serem exploradas e, de novo, abandonadas. Estamos na raiz dalguns males sociais que importa prevenir e curar. Recebem confiança e segurança. A nossa Casa do Gaiato, com os seus 140 rapazes, sente-se complementada com a acção admirável das Irmãs. As crianças acolhidas no novo Centro não são tipicamente da Casa do Gaiato, porque têm alguém de família a quem estão ligadas pelos laços afectivos. Estão, sim, na rampa do perigo de abandono e degradação, pelo grau de pobreza em que se encontram, no geral. Não podemos deixar que lhes falte o vosso e nosso apoio. Estas Irmãs não são mercenárias. Não vieram para África para resolver os seus problemas, deixando tudo o que lhes podia ser mais querido. Vieram, sim, impelidas pela força do Espírito que sabe melhor do que ninguém o dia, a hora, como e onde são mais precisas. Com esta Luz não damos passos em falso. Que o Pai do Céu abençoe e fecunde a decisão da Irmã Maria Joaquina, aquando da sua passagem por Angola e Benguela. Que elas sejam tudo da sua vida para estes filhos!

Padre Manuel António

## Tribuna de Coimbra

# Prejuízos incalculáveis

INCALCULÁVEIS devem ser os prejuízos deste Verão «incendiário». «Incendiário», em sentido figurado, já se vê, pois que o Verão é, por excelência, uma estação do ano carregada de expectativas folgazãs, repouso merecido, sempre com a linha do Oceano na mira. Água e fogo são antagónicos, na linha da Natureza pura, que, no coração do homem, se buscam insaciavelmente.

Coimbra, nesta tarde de Verão, perdeu encanto, rodeada de fogo, vindo das matas circundantes, como está. Nenhuma das mil festas da cerveja é desejada para refrescar a angústia dos bens perdidos... Não há consolo para o espectáculo dantesco que se desenha diante dos olhos do simples cidadão que só deseja que a próxima faúlha não venha cair no seu quintal. Estamos em Coimbra!

O fogo, como todas as forças da Natureza, é assombroso; possui um «não sei quê» de misterioso. Parece reivindicar, de forma própria, os seus direitos quando estes são violados. Que dizer de tantos sinais de manifesto desequilíbrio ecológico no nosso Planeta?... É que «no princípio o Espírito de Deus pairava sobre as águas...» A ânsia de poder e de domínio desenfreados é perturbante e desequilibrante...

Incendiários são um facto, matas esquecidas, perdas, desorganizadas, como se cada uma fosse pequeno feudo intocável, um problema velho da nossa cultura de «bocadinhos» e «miudezas». Mas o maior problema, o mais ancestral, o da educação quanto à posse e uso dos bens que são de todos. Uma cultura de respeito pela vida de todos os seres, não só dos que se encontram em vias de extinção. O homem no topo; do princípio até ao fim, por todos os motivos e mais aquele de ser o único, incontornável, original e descontinuo. Tantas preocupações mesquinhas e desviantes em certas áreas como a educação... essa, sim, a fundamentante de gerações equilibradas de respeito pela vida e pela Natureza. Tanto copiamos dos outros, quando o que deles seguimos, no fim de contas, são apenas rascunhos que já estão há muito no seu devido lugar: o lixo!

Padre João

# Notas do Tempo

A segunda leitura do Ofício delas, neste Domingo XXI do Tempo Comum, é um texto da Constituição Pastoral GAUDIUM ET SPES, do Concílio Vaticano II. Fala-nos da prefiguração do novo mundo «onde reinará a Justiça e cuja felicidade satisfará e ultrapassará todos os desejos de paz que se levantam no coração dos homens».

Este «onde» não tem coordenada de lugar e significa exactamente que o Tempo acabou e é a Eternidade. Apenas LÁ a felicidade ultrapassará todos os desejos de paz que se levantam no coração dos homens. Ninguém sabe quando nem conhece a trajectória da Humanidade que, em jeito de assíntota, tangerá esse «ponto» do Infinito, por isso do domínio exclusivo de Deus. Em linguagem humana somos incapazes de exprimir a «passagem da figura deste mundo» para esse novo estado de plenitude sem a consideração de uma *fronteira*. E o próprio Deus Se cinge a esta nossa limitação, anunciando essa *fronteira* pelo Profeta Sofonias (de quem é a leitura primeira do já referido Ofício delas) com o nome de «Dia do Senhor», o último dia do Tempo: dia de julgamento, terrível para os que sabotaram os Seus planos, «gente não amável», quer dizer, impossível de amar pelo próprio Deus que é Amor; mas não assim para os que procuraram ser-Lhe fiéis e hão-de ver «o que foi semeado na fraqueza e corrupção revestir-se de incorruptibilidade» e «todas as criaturas que Deus criou para o homem, libertas da escravidão do mal» — fruto da Caridade e Suas obras, únicas que permanecem aqui e agora e eternamente.

Ora — continua o texto Conciliar — «a expectativa de uma nova terra não deve enfraquecer, mas antes aumentar a preocupação de aperfeiçoar esta terra onde cresce o corpo da nova família humana que já nos apresenta uma certa prefiguração do mundo novo. Por isso, embora se deva distinguir cuidadosamente o progresso terreno e o crescimento do Reino de Cristo, este progresso tem muita importância para o Reino de Deus na medida em que pode contribuir para uma melhor organização da sociedade humana».

É que há continuidade entre esta terra e a nova terra, que cumpre ao homem defender e afirmar. A Caridade com Suas obras são o elo. Caridade que supõe e age a instauração e a difusão da Justiça no sentido de aproximar incessantemente a trajectória da Humanidade do ponto infinito de tangência que a introduzirá na condição de perfeição plena da «felicidade que ultrapassará todos os desejos de paz», que é a Eternidade. Se o progresso terreno não leva este sentido, não é verdadeiro progresso humano porque, em vez de congregar, dispersa, empola discriminações, torna sinuosa uma curva que deveria tender para recta, arrasta o Tempo, detem-no. E, por amor dos homens, Deus tem *pressa*, com certeza, de que eles atinjam a Eternidade; daí a Sua severidade para com os sabotadores, anunciada pelo Profeta.

Construir a Justiça pelo instrumento, único e capaz de ser seu fundamento e sua alma, que é a Caridade — eis a tarefa que Deus atribui aos homens para lhes dar de graça, mas com mérito, a felicidade que ultrapassará todos os desejos do seu coração.

O caminho que leva os homens a assumir esta tarefa, diz-no-lo o Profeta Sofonias (que não se reduz apenas ao anúncio de «sombras e angústias e devastações...»): «Procurai o Senhor, vós todos os humildes da terra que obedecéis aos Seus mandamentos. Procurai a Justiça, procurai a Humildade».

E não é outra a perspectiva da Igreja vivente no mundo contemporâneo senão implantar na vontade dos homens o dinamismo expresso pelas palavras que dão nome a esta Constituição Pastoral: *Gaudium et Spes* — Alegria e Esperança.

E até a oração deste Domingo vai no mesmo sentido: «Senhor, que unis as mentes dos fiéis numa única vontade, fazei que eles amem o que mandais e desejem o que prometeis, para que se não iludam frente às variedades que o mundo proporciona e fixem os seus corações aonde estão as verdadeiras alegrias».

Padre Carlos